

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 21, ano 2024 | ISSN: 2675-5432

A comunicação humana: relevância, relações e reflexões na sociedade contemporânea

Gabriel Sousa Suzart

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
<https://orcid.org/0009-0000-2098-3145>

Recebido em: 23/10/2023
Aprovado em: 07/02/2024
Publicado em: 04/04/2024

A comunicação humana: relevância, relações e reflexões na sociedade contemporânea

Gabriel Sousa Suzart¹

Resumo

Ao longo da história, a comunicação tem sido fundamental para a interação e a sobrevivência humanas, embora tenha enfrentado desafios e resistências. Este estudo examina a comunicação como uma dimensão intrínseca da experiência humana, destacando sua distinção em relação à simples transmissão de informações. Explora-se neste artigo o impacto da escassez e da falta de comunicação na contemporaneidade, evidenciando como isso afeta as relações sociais e individuais. A partir de uma análise aprofundada das obras de diversos filósofos e pensadores, busca-se compreender a importância da comunicabilidade para o progresso pessoal e coletivo na sociedade atual. Considera-se a necessidade de uma abordagem ampla e reflexiva sobre o papel da comunicação, tanto no contexto individual quanto no contexto social, destacando sua relevância na construção de relações autênticas e na promoção do bem-estar geral. Este estudo visa oferecer uma perspectiva abrangente sobre como a comunicação influencia a forma como os seres humanos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo ao seu redor, e como essa compreensão pode contribuir para um desenvolvimento mais humano e significativo da sociedade contemporânea.

¹ Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Especialista em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Relações Humanas. Contemporaneidade.

Abstract

Throughout history, communication has been fundamental for human interaction and survival, although it has faced challenges and resistances. This study examines communication as an intrinsic dimension of the human experience, highlighting its distinction from mere information transmission. The article explores the impact of scarcity and lack of communication in contemporary times, showcasing how it affects social and individual relationships. Through an in-depth analysis of the works of various philosophers and thinkers, the importance of communicability for personal and collective progress in today's society is elucidated. There is a need for a broad and reflective approach to the role of communication, both in the individual and social contexts, emphasizing its relevance in building authentic relationships and promoting overall well-being. This study aims to offer a comprehensive perspective on how communication influences how humans relate to themselves, others, and the world around them, and how this understanding can contribute to a more humane and meaningful development of contemporary society.

KEYWORDS: Comucation. Human relationships. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

A humanidade em toda a sua história necessitou de diálogos, interação e encontros para poder se desenvolver. No contato com o outro, o ser humano vai se complementando e se compreendendo. Um exemplo simbólico da importância da comunicação pode ser observado na obra literária *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, e

adaptado em séries, como *O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder*. Nessa narrativa, há uma rica representação de como a capacidade de se comunicar é essencial para a integração e desenvolvimento pessoal. Por exemplo, quando uma personagem chega a uma nova comunidade sem entender a língua local, sua jornada de aprendizado e crescimento começa apenas após estabelecer laços de conexão e de compreensão com os outros habitantes. Esse episódio ilustra vividamente como o aspecto abordado é fundamental para o processo de humanização e para a formação de identidade e conexões significativas.

Com esse pequeno exemplo, pode-se perceber que é essencialmente por esta comunicação (comunhão)² que qualquer ser humano consegue se desenvolver e aprimorar as suas potencialidades. A faculdade comunicativa é inata ao ser humano, é necessário que ela seja trabalhada para que o humano tenha o poder de se humanizar e se integralizar consigo e com o meio ao seu redor, sobretudo na contemporaneidade em que se vê diversas situações que contrariam o uso desta faculdade.

Atualmente, vê-se uma contraditória falta de interação e de relações relevantes e profundas na sociedade, à medida que, devido à globalização, há um aumento das diversas formas de comunicação, sobretudo, por causa das redes sociais. Também não se pode olvidar de uma maior facilidade de locomoção das pessoas para poderem entrar em contato físico com os outros. São marcas da possibilidade de novas formas que facilitam a comunicabilidade.

Nessa perspectiva, observa-se um isolamento social crescente e a formação de grupos superficiais, cujas relações carecem de profundidade e autenticidade. As relações da sociedade atual tornam-se a ser mais virtuais do que reais, com uma tendência maior à superficialidade

² Trataremos, durante esta pesquisa, esses termos como sinônimos, isto porque podem ser compreendidas da mesma forma, visto que, ao decorrer do texto, aquele que se comunica, deveras, entra em comunhão com o outro.

que à profundidade. Ainda mais, há nesse mundo virtual uma disseminação de informações, tornando um excesso. Com isto, as relações tornam-se mais um ato de apenas falar do que deste ato e do ato de escutar, o que seria uma comunicação de fato.

No que concerne à Comunicação, como dimensão inata ao ser humano, analisar-se-á a concepção deste conceito e a confusão que se faz deste com a informação, por meio da abordagem de Dominique Wolton, bem como o filósofo personalista Emmanuel Mounier, e dois outros estudiosos sobre este aspecto, Loretta Brady e John Powell. Na perspectiva tanto dos seus efeitos elementares quanto da sua carência prejudicial à pessoa, aborda-se, além destes mesmos pensadores, outros filósofos brasileiros e professores, acadêmicos, entre outros pensadores, para fortalecer a pesquisa no que diz respeito a esse aspecto do ser humano e a sua necessidade. Enfim, realizar-se-á um diálogo bibliográfico para aprofundar na pesquisa.

Em síntese, este estudo destaca a importância crucial da comunicação, ressaltando seu papel fundamental no desenvolvimento pessoal e social. Embora as formas de comunicação tenham se expandido, observa-se uma tendência preocupante ao isolamento e à superficialidade nas relações sociais contemporâneas. Por meio de uma análise crítica e reflexiva, busca-se promover uma cultura de comunicação mais autêntica e enriquecedora, capaz de fortalecer os laços sociais e contribuir para um desenvolvimento humano mais significativo.

1 O QUE É COMUNICAÇÃO?

A época presente é frequentemente marcada por uma infodemia, na qual se concebe, por parte de muitos, mesmo que inconsciente, a ideia de informação como conhecimento, e apenas a troca de informações como comunicação. A partir disso, assesta-se uma ideia errônea ou ao menos distorcida do que seja a comunicação de fato.

A ideia de informação é compreendida como o proferimento, por parte de um emissor, de um dado, seja sobre quaisquer temas, situações, pessoas, etc., para um receptor. Assim, a partir do momento em que o receptor acata determinado dado e o concebe em sua mente, esse dado se torna uma informação. Para melhor sintetizar esse pensamento, Dominique Wolton (2010, p. 12) nos mostra que “a informação é a mensagem” veiculada.

A comunicação, no entanto, não é somente a troca de informações, mas está, sobretudo, “associada à ideia de vínculo, de compartilhamento, de ‘comunhão’” (Wolton, 2010, p. 26). E isto é indispensável para a realidade humana, uma vez que como as plantas precisam da luz solar para realizarem a fotossíntese e, assim, sobreviverem, o ser humano também necessita da comunicação que se tem nas relações para realizar a sua caminhada vital.

Sendo a comunicação o acontecer de vinculação, de compartilhamento e de comunhão entre as pessoas, podemos perceber também que, para que ela ocorra, é necessário um movimento: o de cada pessoa sair do seu próprio mundo egocêntrico, de apenas falar e não ouvir, ou nem um e nem outro. Infelizmente, em tempos de outrora, não ocorria uma comunicação como relação humana de troca, mas esta era entendida como transmissão de informações, uma vez que as relações humanas eram hierárquicas (Wolton, 2010). Com isso, os resquícios da cultura hierárquica comunicativa acabam permanecendo em certos ambientes, o que ainda se torna um obstáculo à comunicação.

Segundo Wolton (2010, p. 19), há cinco etapas da sua teoria da comunicação:

Primeiro: a comunicação é inerente à condição humana. Não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar, tanto na escala individual quanto coletiva. Viver é se comunicar. Segundo: os seres humanos desejam de comunicar por três razões: compartilhar, convencer e seduzir. Com frequência simultaneamente por essas três razões, mesmo se

isso nem sempre é enunciado. Terceiro: a comunicação esbarra na incomunicação. O receptor não está sintonizado ou discorda. Quarto: abre-se uma fase de negociação na qual os protagonistas, de modo mais ou menos livre e igualitário, tentam chegar a um acordo. Cinco: chama-se de convivência, com suas fragilidades e pontos fortes, o resultado positivo dessa negociação. A negociação e a convivência são procedimentos para evitar a incomunicação e as suas consequências, frequentemente belicosas.

Vale comentar sobre o primeiro tópico que é o que mais se procura destacar nesta pesquisa. Todo ser humano necessita da comunicabilidade para sua vivência. Wolton é feliz ao afirmar sobre o ato de viver do ser humano ser marcado por um se comunicar contínuo. Porque, de fato, toda pessoa tem desejo de falar, de se expressar, de partilhar sobre si mesmo, ainda que possa ter suas dificuldades, como insegurança, medo, dentre outros fatores. Não é à toa que isso é o motivo de o ser humano se comunicar, claro que não se pode esquecer, como abordou o autor, sobre o desejo de convencer e de seduzir a algo, seja pensamento, pessoa, situação, entre outras coisas. A comunicação é essencial, vital, pura necessidade a todo ser humano.

Ao se falar sobre a relação de incomunicação e do seu antônimo, faz-se válido explicar sobre esta última. A incomunicação é um conviver entre as pessoas sem a profundidade da convivência, i.e., é o trocar informações, o diálogo sobre diversos assuntos, mas sem se permitirem conhecerem deveras. Este cenário retrata uma existência compartilhada, porém, marcada pela ilusão de proximidade, enquanto persiste a falta de consciência da incomunicação. As interações frequentes, embora abundantemente verbais, carecem de um verdadeiro envolvimento interpessoal. Essa dinâmica é frequentemente observada na sociedade contemporânea.

Fala-se de negociação para que a incomunicação seja administrada e, gradativamente e dentro das possibilidades, dissolvida para que possa existir uma condição de convivência e, conseqüentemente, de comunicação.

Dentro desse aspecto da dissolução da incomunicação, por meio das negociações e da convivência, parte tanto das informações emitidas pelo emissor, que o receptor não deve simplesmente recebê-las, há uma negociação, filtração, hierarquização, recusa ou aceite delas (Wolton, 2010). A partir disso, o autor também nos auxilia a perceber que o receptor - podendo ser chamado de receptor-ator, devido ao aspecto dinâmico da sua função - está sendo ativo com mais frequência nesse intuito de resistência dos variados e intensos fluxos de informações.

Também é válido abordar sobre os dois polos da comunicação abordados por Dominique Wolton (2010). O primeiro que diz respeito à linha tecnocientífica, na qual o pensamento baseado na globalização concebe-se como a necessidade das pessoas se falarem, o que, segundo a linha que estamos trabalhando, não se é necessariamente comunicação, mas apenas fluxos de informações que as pessoas dirigem umas às outras.

Por fim, o segundo diz respeito à dimensão antropológica, esta é a que se destaca nesta pesquisa para poder ratificar a relevância da comunicação à dimensão pessoal. Mais sobre esta pode ser dito, como: comunicar é conviver, é estar junto, é falar, é ouvir, é se abrir é permitir olhar o outro que também se abre. Muitas vezes é o se abrir mesmo sem falar, ou acolher ao escutar o silêncio do outro. Ainda mais, como nos aponta Espinosa (2013), somos seres de encontros, os bons encontros possibilitam um aumento em nossa potência de existir, de ser e de sermos afetados enquanto os maus encontros, em contrapartida, uma diminuição em nossa potência, causando-nos, portanto, uma tristeza.

2 EFEITO E RELEVÂNCIA À PESSOA

A pessoa “só existe no movimento para outrem, só por outrem se conhece, só noutrem se encontra” (Mounier, 2010, p. 40). Esse filósofo personalista, ao se deparar

com uma crise humanitária a partir de diversos acontecimentos nas primeiras décadas do século passado, procura abordar a dignidade da pessoa e, para que a pessoa possa se encontrar em si, ele aborda, também, a essencial necessidade da comunicação/comunhão.

Ele (2010) mesmo aborda que o surgimento da pessoa se é como uma presença que se dirige ao mundo e às outras pessoas, infundavelmente, em perspectiva da universalidade, sobretudo porque as outras pessoas não limitam aquela, todavia, fazem-na ser e crescer. Cada ser humano não é um simples verso solto, não é uma ilha deixada de lado, não é um navio à deriva, uma nota musical solta. Caso ele se faça só, tal qual as analogias feitas anteriormente, sua vida não ganha magnitude e vitalidade para a sua acontecência³, i.e., o acontecer do amadurecimento, uma vivência de fato e não apenas uma mera existência.

Para Mounier, o que é contrário à comunicação, e o que pode se ligar com a incomunicação de Wolton, é o individualismo, este que “é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições, que instala o indivíduo nas atitudes de isolamento e de defesa” (2010, p. 38).

Esse individualismo também tem a sua preocupação, segundo Mounier (2010), em centrar o indivíduo em si mesmo, um deus soberano sobre si no seio de uma liberdade tanto sem rumo quanto sem medida, vivendo uma desconfiança bem como uma indiferença para com outrem, sendo um dos regimes mais pobres ocorridos em toda a história da humanidade.

No pensamento mounieriano é fato que cada um possui um valor individual que independe dos outros, o que, nesse sentido, tem uma semelhança com individualismo. Contudo, isso não implica, de forma alguma, que se deve portar-se com os outros de forma indiferente. Como já foi apresentado nas características do personalismo, a

³ O termo é do filósofo Donald Winnicot.

dimensão comunitária é primordial no universo estrutural da pessoa e, dessa forma, é necessário que este esteja em relação com a comunidade.

Pode haver uma ligação do pensamento mounieriano com o pensamento de Wolton sobre a incomunicação, visto que esta permite uma separação, já que cada pessoa não procura se abrir de fato, mas apenas proferir informações como se fosse uma comunicação. Também pode perceber um certo traço de individualismo, centrando o indivíduo apenas nas informações que são faladas, e na sua não vontade de conhecer ao outro e permitir que o outro se conheça, tendo também um traço de egoísmo. Percebe-se, então, que, em contrapartida à incomunicação com o seu viés separador, a comunicabilidade permite a convivência, a comunhão, a partilha e a própria construção das pessoas que entram neste mundo.

Os atos originais que permitem esse encontro de comunhão entre as pessoas se concebem em cinco: (i) sair de si, isto é, uma ascensão central da vida pessoal é desapossar-se, não se prender em seu próprio mundo, não se fechar em si; (ii) compreender, o efeito de nos colocarmos no lugar do outro, saber não olhar apenas do seu ponto de vista, do seu lugar, mas procurar enxergar a partir da realidade do outro; (iii) tomar sobre si as dores do outro, as alegrias, carregar junto ao outro o fardo dele; (iv) dar, estar em uma incessante generosidade e gratuidade, que são as forças vivas do impulso pessoal; (v) ser fiel, a dedicação para com a pessoa, o amor e a amizade só são perfeitos na continuidade (Mounier, 2010).

Como também, aborda-se que, na perspectiva schopenhaueriana, a vivência do ser humano, a partir da pulsão de vontade, a busca da felicidade se perpassa tendo em vista aliviar o sofrimento, o tédio da vida, os diversos porquês que o fazem o sofrer. Disso, é possível tirar o seguinte: se de fato a vida for apenas um mar de infelicidades e poços de realidades deprimentes, o estar com alguém e poder se partilhar permite o alívio dessa conjectura; caso não seja apenas isso, além do fato anterior

permitir o alívio, as alegrias também podem ser compartilhadas, servindo como impulsos à vida.

Nesse sentido, é pertinente tomar um poeta brasileiro que nos faz refletir sobre o tomar consciência sobre a relevância de cada pessoa buscar partilhar-se, abrir-se, dar-se e tomar a si e ao outro: Bráulio Bessa. Ele (2019, p. 16-17, grifos do autor e alteração da estrutura do poema minha) compõe um poema, em sua obra *Um carinho na alma*, diretamente ligado ao que se está abordando:

Se por acaso você / não conseguir caminhar, / se seus pés enfraquecerem, / se a estrada se alongar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe carregar.**

Se por acaso você / sentir a alma sangrar, / e se a alma ferida / fizer seu corpo chorar, **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe consolar.**

Se por acaso você / sentir o mundo escapar, / se tudo for só silêncio, / se a solidão maltratar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe abraçar.**

Se por acaso você / não conseguir se enxergar, / perdido dentro de si, vendo tudo se apagar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe encontrar.**

Se por acaso você / sentir a vida açoitar, / e na hora da agonia / você se desesperar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe acalmar.**

Se por acaso você / vir tudo se apressar, / se todo mundo correr, se o tempo acelerar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe esperar.**

Se por acaso você / deixar de acreditar, / se a própria humanidade / decidir lhe enganar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe inspirar.**

Se por acaso você / sentir medo de amar, / se achar que não é mais / possível se apaixonar, / **Sempre haverá um alguém / capaz de lhe conquistar. [...].**

A poesia, como aspecto da dimensão intelectual da vida e como situada nas expressões artísticas da grande área da Linguística, Letras e Artes, possibilita-nos a edificação do nosso ser humano. Citar este poema do autor natural de Alto Santo, Ceará, e possibilitar uma reflexão sobre o objetivo da pesquisa, permite que compreendamos, mais ainda, a importância de sermos para os outros e permitir que os outros façam parte

de nós. Bráulio entende isso como experiência de vida e compõe tal arte, também ele nos permite pensar na experiência da nossa história vital. Talvez, também, Antoine de Saint-Exupéry⁴ tenha compreendido o quanto um diálogo aberto e sincero, como fora com o pequeno príncipe, tenha o auxiliado e aliviado sua tensão no momento do conserto do seu avião; talvez nós, da mesma forma, possamos compreender o quão importante é alguém em nossa vida e dialogarmos sincera e abertamente.

Ainda sobre o livro de Saint-Exupéry, apesar de ser uma obra com uma aparente ficção, o pequeno príncipe, como ele conta, é uma criança. Quer-se dizer a partir disso que, a partir de uma análise e de uma relação com a realidade, é essencial que as crianças, em seu processo de crescimento, desenvolvimento e contato com o mundo, comuniquem-se deveras. Uma criança que não tenha o direito de brincar, não tenha o direito de conversar com os outros, não tenha direito de questionar, não terá a possibilidade de usufruir do seu aparato comunicacional por inteiro, causando-lhe falhas e traumas neste aspecto durante a vida.

John Powell, padre jesuíta, teólogo, filósofo, escritor e professor, e Loretta Brady, psicoterapeuta e professora, são estudiosos dessa área abordada. Eles (Powell; Brady, 1998) nos mostram que a partir do momento em que uma comunicação é iniciada, há uma alteração total que afeta essencial e diretamente todas as áreas da vida de uma pessoa. Além disto, há um reviver dos sentidos, uma nova coloração ou percepção desta do que se é observado, uma permissão da música desconhecida ser um acompanhamento da vida, morada da paz no coração humano. Os autores deixam muito claro tanto que é imprescindível a experiência para saborear os seus efeitos quanto que a comunicação é a base essencial para a felicidade humana.

⁴ Fez-se válido trazer esta referência devido ao fato do livro, O Pequeno Príncipe, ser um dos mais lidos do Brasil e pelo mundo afora.

Bauman (2004, p. 70-71) afirma que “aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. [...] Amar o próximo pode exigir um salto de fé. O resultado, porém, é o ato fundador da humanidade. Também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade”. O amor comunicado é a comunhão, é a escolha do partilhar-se e acolher o outro. No momento em que isto acontece, a humanidade continua a se fundar e a viver. Não se torna apenas uma sobrevivência, mas uma própria vivência das faculdades vitais.

Em suma, somos livres para nos comunicar. De qualquer forma, realizá-lo nos permite um crescimento das nossas diversas estruturas humanas, psicológica, social, sexual, afetiva, espiritual, familiar, entre outras. De forma geral, a comunicação é basilar para uma comunhão que nos auxilie ao encontro com o outro e nos faça nos edificar, permitir sermos edificado e edificarmos ao outro. A necessidade do desejo de nos comunicarmos é o primeiro passo. Num mundo em que a incomunicação e o proferimento de informações é marcante, a necessidade da ação comunicativa é mais que necessária, uma vez que os efeitos dela nos trazem diversos malefícios tanto pessoais como socio-humanitários.

3 EFEITOS DA AUSÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Na contemporaneidade, podemos perceber diversas vezes em que se encontra pessoas que se reclusam em seu próprio mundo e apenas falar o que importa, mas informar e não comunicar e, conseqüentemente, falar e não ouvir e trocar informações. No mundo cibernético é muito visto isso, sobretudo nas redes sociais, em que os usuários muito buscam publicarem, verem as informações em que apenas interessam-nas. É a partir disto que se vê uma individualização extrema que chega a ser estrutural na sociedade, levando cada ser humano a uma perda de identidade (Žižek, 2016).

Paula Magalhães, ao introduzir a obra de Fabiano Veliq, *Ensaio sobre o sujeito contemporâneo*, afirma que “o indivíduo quer que a sociedade seja de acordo com suas aspirações, de sorte que a consciência individual substitui a consciência de classe e, do mesmo modo, a consciência narcisista toma o lugar da ciência política” (Veliq, 2021, p. 12). Nessa perspectiva, há no ser humano contemporâneo uma individualização extrema que se entende como um esforço para ser fiel ao seu próprio Eu, o que leva, paradoxalmente, à perda de identidade. É uma intensa necessidade da autoafirmação que o ser humano atual se impõe, só que ao realizar isto, ele mesmo se perde em si e se descaracteriza. O próprio fechamento em si, o isolamento do mundo, o aprisionamento ao seu universo egocêntrico, retomando o que Mounier afirma, fazem o sujeito contemporâneo ser o seu próprio deus cuja realidade torna-se ilusória, pois, na realidade, o ser humano não se edifica e nem se personifica.

É muito notável nas redes sociais uma intensa exposição das pessoas com fotos e opiniões. É como se quisessem se aparecer e se mostrarem, quisessem sair do seu mundo fechado. Parece, de fato, que não estão se isolando como afirmamos. Entretanto, sim! Estão! Ao se mostrarem em suas redes sociais, na realidade, é visto apenas essa busca de autoafirmação ou necessidade de afirmação dos outros. Sobre isto, os outros necessitam afirmar sobre a beleza, ou inteligência, ou sensatez da exposição dessas que se expõe, entre outros fatores. No entanto, ao se debaterem com pessoas que discordam ou não se integram aos concordes, tais sujeitos, que necessitam de afirmação de outrem, entristecem-se e têm crise de identidade, entrando ou em debate com estes ou se isolando novamente em seu mundo.

Ainda mais, geralmente os sujeitos expositores de si mesmo, só se expõem para si, para complementarem o seu próprio egoísmo e preencherem o seu universo egocêntrico. Assim, vê-se que as pessoas que elas esperam confirmarem são, geralmente, pessoas utilizadas para o

fim desses sujeitos mencionados. Vemos, portanto, a junção do pensamento mounieriano, ao falar que o individualismo, presente também nesse viés, faz desses indivíduos deuses soberanos de si mesmo e fechados em seu mundo, isolando e apenas entrando em contato com o outro para o seu mundo. O individualismo está intrinsecamente ligado ao egoísmo, uma vez que o sujeito individualista e isolado apenas visa o seu ego.

Nesse sentido, vê-se que esses tipos de pessoas que estão nesse viés de exposição por redes sociais, possivelmente não buscam a comunicação, mas apenas querem informar sobre suas vidas, expô-las, e não comunicar, partilhar, mostrar como é e permitir ser complementado por e para os outros. Ainda mais que permitir ser complementado e receber mensagens como necessidade de afirmação da sua identidade são diferentes. O primeiro visa uma abertura para a escuta e para a comunhão, o segundo é utilizar o outro para o seu viés egoísta e individualista, satisfazendo sua carência.

Ainda mais, a perda de identidade ocorrida pode ser significada como a não edificação do ser humano que não procura o viés comunicativo, de comunhão, de abertura tão necessária e essencial para o ser humano. Isto porque aqueles sujeitos existem, segundo o professor da PUC Minas⁵, Fabiano Veliq (2021, p. 24-25), “o entendimento de que há sempre interessado nos mínimos detalhes da minha vida, de que posso postar os pormenores mais ínfimos e ao mesmo tempo encontrar espectadores para tal”.

Vê-se, portanto, que “hoje qualquer tentativa de um contato um pouco mais íntimo com o outro se mostra na maior parte das vezes ‘invasivo’ para o sujeito contemporâneo” (Veliq, 2021, p. 21). Ainda mais que o sujeito contemporâneo se acostumou intensamente a relação apenas consigo mesmo, ao ponto de qualquer contato exterior para consigo ser entendido como ameaça, intrusão

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

e falta de respeito à esfera mais íntima, um exemplo é até um simples telefonema ser uma invasão (Veliq, 2021). Aqui se encontra a perda da identidade humana, uma vez que o ser humano naturalmente se comunica e se abre, o que não ocorre em tal sujeito.

Também se vale trazer e relacionar Zygmunt Bauman (2001), que defende esta sociedade como sociedade líquida - termo metafórico, uma vez que nas pós-modernidade há uma fluidez nos mais diversos tipos de relações, bem como as mudanças continuam tendo sua essência originária, mesmo em meio a esse movimento. Apesar de poder ter, talvez, aspectos positivos nesta fluidez, também se notam diversas consequências desastrosas para com as relações interpessoais que vêm sendo mencionadas e abordadas. Um exemplo que o Sociólogo nos faz olhar são os shoppings centers, que são espaços físicos onde as pessoas não se conectam numa relação profunda e madura, mas a importância da possível comunicação, na realidade de apenas trocas de informações, serve para o consumo e para satisfazer os seus desejos hedonistas, utilitaristas e alimentar o vazio (Bauman, 2001).

Nessa perspectiva, a superficialidade e a possível indiferença são, também, o que tomam conta da sociedade atual. Nesta há uma contrariedade: as pessoas não procuram relações profundas pelo medo da não durabilidade no intuito de não ter risco de prejuízos (Bauman, 2001), mas continuam mais carentes cada vez mais e necessitados de preencher os vazios, o que, como dito, acaba por o fazer com o ilusório consumo exacerbado. Tudo isto intensifica desafios psicológicos e físicos à humanidade. Não querem se comunicar, não querem relações duradouras, querem se fechar em si, mas acreditam que se fechando haverá uma progressão e resolução da sua vida.

Neste sentido, faz-se necessário falar mais sobre as características do sujeito contemporâneo que perde esta sua dimensão comunicativa. Simmel nos apontou, em meados do século anterior, que a sociedade individualista ia se fragmentando até virar uma espécie de tribalismo, em

que os mais diversos grupos se dividem em si tendo seus gostos particulares (Veliq, 2021). Com a modernidade isso se avançou mais ainda. Até as pessoas que vivem nessas ‘tribos’ sentem-se confusas, angustiadas, perdidas, com crise de identidade de fato e, como solução dos problemas, muitos procuram se isolar e se fechar em seu mundo novamente.

Qualquer ser humano que age assim como procura de solução, pode, como acontece recorrentemente, cair em diversas doenças, como uma das doenças mais marcantes da nossa sociedade, a própria depressão, o mal do século. Outro professor da PUC Minas, René Dentz (2022, p. 22), mostra-nos que em meio a todo esse emaranhado numa sociedade cibernética, “o que mais estamos presenciando é o aumento de afetações e consequentes quadros depressivos em um mundo dos excessos: excesso de imagens, excesso de palavras”. Não somente as doenças psíquicas, como a depressão ou a ansiedade, mas também as pessoas, quando sentem os seus sofrimentos e guardam só para si, adoecem ao ponto de terem tais doenças mencionadas e, até mesmo, sofrer de qualquer tipo de câncer, entre outros exemplos de doenças físicas.

Assim, o medo e a desconfiança do outro, como dizia Mounier, trazidos pelo individualismo contemporâneo faz do ser humano um ser doente, frágil. Veliq (2021, p. 19) bem comenta, seguindo essa perspectiva, que

Não há nada mais frágil que o sujeito contemporâneo. Tudo o fragiliza, tudo é motivo para que ele se sinta ofendido, magoado, rejeitado, etc. É como se de alguma forma esse sujeito não se sentisse fixado a nada, como se ele estivesse sempre fiado a nada, como se ele estivesse sempre pairando sobre um vazio sem nenhum tipo de apoio [...].

Tal fato comentado por Veliq, bem como diversas doenças ocorridas, podem ser compreendidos como consequências da não-comunicação. O não entrar em comunhão e fixar-se em si mesmo traz esses efeitos.

Sobre não haver a comunicação na modernidade, Bauman nos declara alguns motivos para que esta não a busque: “a razão do interesse próprio e da busca da felicidade. O preceito fundador da civilização só pode ser aceito como algo que ‘faz sentido’” (Bauman, 2004, p. 70). Parece não fazer sentido à civilização o fato da comunhão.

Esta não-comunicação também é um fator que pode fazer mal ao outro. Neste viés, quantos idosos estão jogados dentro de suas próprias casas e nos asilos, sem terem com quem conversar, já que por serem velhos, acabam por, muitas vezes, serem desnecessários e descartáveis na lógica lucrativa e imediatista⁶ da contemporaneidade.

Ainda mais, muitos idosos têm o sentimento de não pertencimento ao mundo em que os outros vivem, em que nós vivemos, muito devido à própria sociedade atual não os valoriza com a sua experiência e sabedoria, apesar da sua vulnerabilidade humana – comum a todos, pois todos tendem a envelhecer, é a lei da vida –, o que torna tal sociedade doentia (Dentz, 2022).

Ao não nos esforçarmos para conversar com os mais idosos e, sobretudo escutá-los, integrando-os ao mundo atual, dentro das possibilidades, permitirmos e instigamos a exclusão, desvalorização, o que, também, marca o traço individualista nosso que advém da época momentânea. Já nos afirma René Dentz (2022, p. 18), “muitas vezes o que aquela pessoa tem como expectativa é a escuta atenta do outro, algo que nosso meio tem perdido, pois queremos apenas falar e projetar suas frustrações”.

Uma vez que “o comportamento humano se constitui pelos afetos, pelas conexões com os outros” (Dentz, 2022, p. 41), a falta disso causa uma prejudicial consequência ao decorrer da vida. Ao observar uma família em que pais, ou parentes responsáveis, não se comunicam

⁶ Um fenômeno muito presente na sociedade moderna, em que tudo deve ser para agora, para já, até mesmo “para ontem”.

com os seus filhos, permitindo apenas que eles vivam em seu mundo, sobretudo o mundo tecnológico que muito invadiu o corpo social de hoje. Ou até mesmo, como fora falado anteriormente, as crianças que não brincam com os seus pais, com seres humanos da sua faixa etária, não desenvolvem bem, e tem a possibilidade com percentual alto de não viverem felizes e conscientes da relevância da comunicação. Pais que, além de possibilitadores de filhos focados em tecnologia, tornam-se rejeitadores e impossibilitadores intensos e frequentes⁷ da expressão natural das crianças, tornam os próprios filhos passíveis da frieza relacional, da fragilidade, do medo, da não potencialização de seus poderes. A comunhão é necessária, a brincadeira, o diálogo, a correção! Percebe-se isto não somente nas famílias, mas também é possível abordar sobre a educação em todos os âmbitos, chamando atenção para não caírem nesse abismo infundável, decadente e homicida⁸.

Ao permitir isso, é inspirador, perceptivelmente ou não, para que tal corpo social continue ou se fortifique num individualismo doentio e estrutural, podendo ter também o narcisismo, já que as crianças e adolescentes de hoje serão os jovens e adultos de amanhã. Neste viés, não só os idosos podem ser excluídos, como os mais pobres e marginalizados, os que vivem injustiçados todos os dias, os que não conseguem ter possibilidades de crescimento social, os que lutam para ter o pouco para comer, dentre tantas outras críticas situações.

Ao imaginarmos políticos que cresçam neste mundo individualista e narcísico, em que vale criar deuses soberanos do seu próprio mundo, eles possivelmente não se

⁷ Aqui não se quer falar que não se deva corrigir e ensinar os limites sobre cada coisa, mas apenas focar no fato de não permitirem que as crianças sejam o que sejam como as suas faixas etárias, sua formação psíquica geralmente pede para tal época.

⁸ Pois, deveras, consegue assassinar – no sentido de indiferença, mas também real – milhões de pessoas, sejam no momento em que fecham, mas também porque ao se fecharem não se importam com outrem.

importarão de fato com o povo ao todo, como deveria ser o dever de um político. Ora, se tais vão vivendo na lógica do individualismo, irão buscar o próprio prazer e esquecendo os fundamentos da alteridade (Dentz, 2022), bem como da justiça, da fraternidade e, até mesmo, da liberdade.

Além disso, de todos as consequências da falta de comunicação na humanidade, existe, muitas vezes devido a esta, outra consequência, a incomunicabilidade do ser humano com a natureza. Assim, a decadência ecológica também se faz presente justamente por esta falta de cuidado advinda da humanidade de forma geral. Dessa forma, observa-se que tanto o ser humano torna-se fragilizado consigo mesmo e com as suas relações, mesmo sem perceber, como também fragiliza a natureza em que ele mesmo vive.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, tendo como pressuposto e fato que o ser humano é um ser que necessita da comunicação para o seu desenvolvimento, foi buscado expor o conceito de comunicação, compreendendo o que realmente é isto e diferenciando-a da simples troca de informações. Ainda neste sentido, buscou-se compreender, a partir de um embasamento com pensadores relevantes, como ela é importante ao ser humano, bem como compreendendo os efeitos dela tanto quanto os efeitos da sua ausência a ele.

Portanto, ao ver a contemporaneidade com as mais diversas marcas negativas no que concerne à comunicabilidade, percebem-se diversas situações de indiferença, de recusa ao outro, de individualismo e egoísmo em que cada sujeito vai se destituindo e destituindo o outro, já que o fechamento em seu próprio mundo o impossibilita de se abrir à escuta do outro e de falar com o outro. Em contrapartida a isto, a humanidade é necessária à vivência da faculdade comunicativa. Vivenciando-a, a

humanidade consegue sempre melhor apurar-se e potencializar-se. Por outro lado, se as pessoas buscarem se isolar em seus mundos, concebendo-se como construtores isolados da sua própria realidade, faltarão aspectos à sua completude, já que se é também pela comunhão que cada pessoa se constrói e se permite ser totalizado.

Referências

BESSA, Bráulio. *Um carinho na alma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DENTZ, René. *Vulnerabilidade*. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.

MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2010.

POWELL, J.; BRADY, L. *Arrancar máscaras abandonar papéis: a comunicação pessoal em 25 passos*. 10.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

SPINOZA, B. *Ética*. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

VELIQ, Fabiano. *Ensaio sobre o sujeito contemporâneo: o ser humano frágil diante de um Deus fraco*. Belo Horizonte: Caravana, 2021.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ŽIŽEK, Slavok. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Sobre o autor:

Gabriel Sousa Suzart

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Especialista em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).